

## **As Faces da Desigualdade Socioespacial Iluminadas pela Crise da Covid-19<sup>1</sup>**

**Ana Fani Alessandri Carlos<sup>2</sup>**

O debate sobre a Covid-19 tem se centrado na análise do comportamento dos dados: número de infectados, de mortos, de leitos hospitalares disponíveis no sistema de saúde público, bem como a evolução dos dados ao longo do tempo. Sentindo a necessidade de dar rostos a esses números, jornais, escritos e falados, tem postados fotos dos mortos. Mas ainda é insuficiente. Os rostos da crise não são, assim, tão literais, apesar de criarem empatia ao isolamento, humanizando uma sociedade individualista que vive sob o signo do “hedonismo de massa”.

A essas fotos veem se somar aquelas, amplamente divulgadas, de cidadãos aglomerados nas portas das agências da Caixa Econômica Federal em busca do auxílio emergencial de R\$ 600,00, destinados àqueles em condições de precariedade quase total como decorrência da paralização de parte significativa das atividades econômicas e de serviços, deixando uma grande parcela da sociedade - que já vive com baixos salários -, sem condições de continuar se sustentando. Esse “auxílio” impõe, àqueles privados do urbano, a humilhação que vem com o cansaço das filas que começam ainda de madrugada, com a ausência de separação entre as pessoas, pois teme-se a infiltração de fura-filas, com a demora do atendimento, além de confrontarem-se com os vendedores de lugares na fila (vendidos por R\$ 100,00). Assim, com seus diretos

---

<sup>1</sup> Texto de referência da exposição da autora no encontro online “Confinamento, Desigualdade e Vida Urbana”, em 8 de maio de 2020.

<sup>2</sup> Professora titular de geografia humana na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e coordenadora do Grupo de Estudos de Teoria Urbana Crítica do IEA-USP.

ignorados, o auxílio aparece como mais uma política assistencialista de emergência tratada, pelas elites, como uma concessão que onera os cofres públicos e que, provavelmente, será usada para obtenção de votos. Mas essa aglomeração que expõe as pessoas a condições sanitárias de alta periculosidade se encontra em contraste evidente com as ruas vazias, avenidas com pouco trânsito, criando um cenário desumano que revela, apenas, a ponta do iceberg. O que está sob o olhar superficial é o processo constitutivo de nossa sociedade marcada pela profunda desigualdade.

A condição subalterna da sociedade como reprodutora mecânica amplia as condições da privação, tornando-se mais visível na prática urbana que, sistematicamente, nega a realização da essência humana (resultado da totalidade do processo social). A sociedade desigual é marcada pela hierarquia espacial que sinaliza o lugar que os grupos sociais ocupam na cidade - inicialmente, através do acesso diferenciado à habitação -, a partir do qual se realizam os outros acessos aos lugares de realização da vida urbana. Na justaposição hierarquia social/hierarquia espacial, mediada pela apropriação privada da riqueza, produz-se a segregação socioespacial como o sinal evidente da existência das forças mutiladoras do sujeito. Essa condição de não sujeito ganha realidade no espaço urbano manifestando-se, concretamente, no plano do vivido, como prática espacial marcada por apropriações privadas, confrontado com a miséria vivida pelo corpo (com a exacerbação da vigilância-violência do narcotráfico) em razão dos poderes coercitivos constitutivos da sociedade capitalista e autoritária que vivemos. Os acessos diferenciados à cidade produzem a contradição centro-periferia. Isso porque a mancha urbana expande-se em direção à periferia, como consequência da explosão da cidade (que, é bom esclarecer, não tem uma produção homogênea), criando contrastes profundos.

Uma situação que pode indicar essa desigualdade está no “Mapa da Desigualdade 2019” feito pela Rede Nossa São Paulo, sobre a distribuição de renda no Brasil. No período de 2014 a 2019, a concentração de riqueza, medida pela variação da renda do trabalho, indica uma diminuição de 17,1% na faixa da população que contempla os 50% mais pobres; uma diminuição de 13% na classe de renda média, que corresponde a 40% da população. Todavia, a variação da renda do trabalho indica posição inversa na faixa de renda superior da sociedade - correspondente a 10% da população -, onde se constata um aumento de 13%.

Em São Paulo a marcha da concentração também é rápida. Em 2000, 1% da população paulistana concentrava 13% da renda gerada, enquanto em 2010 essa concentração subiu para 20%. Na realidade, essa concentração revela um fenômeno espacial: a contradição centro-periferia. No plano da vida cotidiana, ela aponta o modo como se vive na cidade, indicando um conjunto significativo de cidadãos destituídos de direitos, ignorados pelas políticas públicas e sem direitos na divisão orçamentária. Como decorrência dessa situação, apenas indicada, na cidade, os dados vêm mostrando que a maioria das mortes pela Covid-19 localiza-se na periferia da mancha urbana, onde moram as pessoas expulsas do centro pelo preço do solo urbano movimentado pelo mercado imobiliário e valorizado pelas políticas e investimentos públicos. São as áreas, portanto, onde se paga menos IPTU em São Paulo, porque nelas não há serviços e infraestrutura – esgoto, água encanada, asfalto etc. - que incorporem trabalho ao solo, valorizando-o.

Nessas áreas localizam-se os distritos de Sapopemba, Brasilândia, Cidade Tiradentes, São Mateus e Grajaú, onde ocorre o maior número de mortes. Nesses distritos localizam-se: a) o maior número das favelas existentes no município; b) as menores médias de idade ao morrer (Cidade Tiradentes, por exemplo, é onde se vive menos); c) as menores taxas do emprego formal (Cidade Tiradentes também está em último lugar); d) as maiores médias de tempo de espera de uma consulta na rede pública. Nessas áreas também a composição de negros e pardos é maior<sup>3</sup>.

Essa realidade impactada pelo aumento do número de mortes pela Covid-19 acendeu a luz vermelha da desigualdade da sociedade brasileira sem, todavia, que seu conteúdo seja explicitado. A desigualdade tem sido uma contatação que naturaliza a realidade, sem compreendê-la. É assim que à palavra **desigualdade** se soma outra: as mortes ocorrem nas áreas de populações mais **vulneráveis**. Ora a desigualdade é um conceito que expressa a existência de uma sociedade de classes, que transforma os indivíduos iguais em indivíduos desiguais. Portanto, a desigualdade é uma condição social, não natural. Vivemos numa sociedade hierarquizada, onde os cidadãos participam de forma desigual da distribuição da riqueza gerada pela sociedade, e cujo poder político se associa a essa divisão. Nessa escala do lugar, a *segregação socioespacial* ilumina a hierarquia social que se realiza como hierarquia espacial ,

---

<sup>3</sup> Dados do **Mapa da Desigualdade 2019**, produzido pela Rede Nossa São Paulo. Disponível em <https://www.nossasaopaulo.org.br/2019/11/05/mapa-da-desigualdade-2019-e-lancado-em-sao-paulo/>.

impondo acessos diferenciados aos lugares da cidade, pela imposição da propriedade privada, que produz e estrutura da sociedade desigual que vivemos e que vai espelhar onde a pandemia vai atacar mais fortemente.

O plano da vida cotidiana é o lugar da imposição do poder da riqueza e da ordem planejada do espaço e do tempo que atinge diferencialmente os membros da sociedade, definindo diretos. Portanto, nesses lugares se encontram os “*sem direto à quarentena*”<sup>4</sup>, onde as normas do isolamento encontram um sujeito cindido vivendo num espaço em fragmentos. Portanto é na periferia que o drama urbano ganha a sua face desumana, que ganha visibilidade em tempos de urgência, ficando escondida todo o resto do tempo. No plano social, portanto, a reprodução da metrópole efetiva-se como fonte de privação: o sujeito destituído das condições da vida (em suas possibilidades criativas), visto que a reprodução da metrópole se orienta pela efetivação do valor de troca contra o valor de uso. No plano político encontra-se o Estado criando as condições de realização da acumulação através de políticas públicas capazes de superar os momentos críticos da acumulação. Numa sociedade historicamente desigual as políticas públicas para estas áreas aparecem em tempos de crise.

Na contemporaneidade a sociedade é dominada pelo econômico. Hoje, as políticas neoliberais não fazem mais do que diminuir gastos sociais. As políticas públicas direcionando os orçamentos distribuem desigualmente os recursos, esvaziando a vida urbana, que se faz com a privação do urbano e perda de direitos. É assim que a economia concretiza a acumulação em sua lógica indutora do lucro, reduzindo o indivíduo à força de trabalho, que no momento atual desponta, em parte, supérflua, pelo desenvolvimento da chamada “4ª revolução tecnológica”, o que vem gerando o fim de determinados empregos (onde a máquina substitui com vantagem, para o empregador, o ser humano, como presenciamos hoje de forma escandalosa no ensino à distância), bem como criando uma nova configuração das relações de trabalho, trazendo como consequência a diminuição de direitos trabalhistas duramente conquistados. Refiro-me aqui aos contratos de trabalho flexibilizados - incluindo os contratos de trabalho de “zero hora” -, criando as barreiras que se impõe à realização do humano, como ser genérico. A instauração do cotidiano, como exigência da

---

<sup>4</sup> CARLOS, A. F. A. O eclipse da cidade e os sem direitos. **Le Monde Diplomatique**. 29 abr. 2020. Disponível em <https://diplomatique.org.br/o-eclipse-da-cidade-e-os-sem-direitos>.

acumulação, vem ao longo das últimas décadas aprofundando a desigualdade, numa vida normatizada e vigiada de cima por um governo autoritário. Portanto, as situações vividas não revelam **nem vulnerabilidade** nem a **perversidade** do processo de urbanização, mas a violência com a qual a urbanização se faz, sob o comando das ações planificadoras sujeitas ao processo de crescimento. Esse movimento tem no Estado um parceiro importante.

Os jornais escancaram nos últimos dias<sup>5</sup> as alianças de um governo que troca verbas públicas por votos; mostra um presidente que vai ao Supremo com lobistas e empresários, pressionando-o a agir de acordo com a lógica do crescimento (7 de maio de 2020). Nessa mesma direção convergiu a fala do presidente da República em 27 de março, vastamente divulgada pela imprensa, segundo a qual, “alguns vão morrer na pandemia porque assim é a vida!”. São ações que se fazem contra a sociedade, como a expressão mais bem acabada da escolha do modelo neoliberal como destino da sociedade.

A lógica do crescimento econômico que move nossa sociedade é portadora da **violência**, e aqui não me refiro a criminalidade, mas ao modo como a centralidade do crescimento econômico e de sua lógica se impõe sobre o conjunto da sociedade sustentada por alianças com o poder político.

Esse movimento em direção ao futuro se faz em detrimento do humano – que apenas sobrevive - e agora também se realiza em detrimento da vida. Portanto, nesta sociedade desigual os direitos também são desiguais.

A cidade do século 21 expressa, assim, a segregação como forma da desigualdade social que promove a separação entre grupos sociais no espaço urbano descontínuo, pela mediação da propriedade privada da riqueza, que na produção do espaço urbano revela-se através da propriedade privada do solo urbano. Portanto, nesta sociedade desigual os direitos também são desiguais.

Nessa condição histórica, ao ser destituído da totalidade urbana, o indivíduo dela se perde e a prática socioespacial segregada repõe, constantemente, a negação do humano e do direito à cidade e, neste caso, do direito à vida.

---

<sup>5</sup> Semana de 27 de abril de 2020.

A crise causada pela Covid-19 expõe a realidade em sua crueldade iluminando a crise urbana que se aprofunda dramaticamente na proporção inversa àquela da concentração da riqueza. A privação do urbano caminha com o estreitamento da dimensão do humano, enraizada na prática cotidiana da indiferença e da privação. A pandemia com a qual nos deparamos hoje reitera e aprofunda a desigualdade social e ilumina o período do “inumano” inaugurado pelo neocapitalismo.